

Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas

Retalhos de uma vida
(poemas)



Criação Editora



Retalhos de uma vida

(poemas)

Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas



Criação Editora


Aracaju, 2023

Copyright 2023 by Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas

Projeto gráfico
Adilma Menezes

Foto da capa:
Noturno de Coimbra com a Universidade e o rio Mondego
De António Duarte

Fotos ilustrativas:
Banco de imagens Adobe Stock



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

G177r Geirinhas. Carla Sofia Pereira Pinto
Retalhos de uma vida (poemas) / Carla Sofia Pereira Pinto
Geirinhas. -- 1. ed. -- Aracaju, SE: Criação Editora, 2023.
135 p.;
E-Book: PDF.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8413-351-2

1. Cotidiano. 2. Literatura Brasileira. 3. Memórias. 4. Poema. I. Título.
II. Assunto. III. Autora.

CDD 869.91
CDU 82-1(81)



Dedico este livro à minha *mãe-avó*
Eugénia da Conceição, furtada por Deus no ano de 1994.

Saudosamente,
a tua *filha-neta* Sofia Geirinhas

Os meus agradecimentos não poderiam excluir a minha família, em especial o meu marido João Geirinhas e a minha filha Adriana Pinto Geirinhas, e amigos. Em particular a minha estimada ex-professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e amiga Adriana Bebiano que, com grande mestria, engenho e arte escreveu o prefácio deste meu primeiro livro de poesias. A minha gratidão estende-se à editora Criação Editora, composta por uma equipa de excelência, que permitiu a publicação deste livro acreditando no meu *talento de escrita poética*.

Atendendo às múltiplas fontes de inspiração presentes nos poemas que se seguem, as interpretações dos mesmos podem ser da mesma forma também elas variadas. Desta forma, a leitura convida à *liberdade* e ao espírito crítico do leitor.

Considerando a delicadeza de falar de si mesmo, a minha escrita *dança* em diversas dialécticas nas quais a honestidade, a fidelidade, a dor, o amor, a perda, o encontro ou o reencontro, entre outras, expõem a ficção e a acção no limite da verosimilhança.

Sem pretensões de maior *calibre*, este livro *nasceu* de um encontro inesperado com um dos membros da citada editora, a senhora Adilma Menezes, que provocou o *renascimento* de um longo processo de *escrita-de-si*.

Desejando que este livro seja o primeiro de outros, a minha gratidão sincera a todos aqueles que me lerem e que me apreciarem com um abraço amigo, Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas.

O POEMA COMO ESCRITA-DE-SI

Retalhos de uma vida, o título do livro de estreia de Sofia Geirinhas, anuncia explicitamente aquilo que é: a escrita da própria vida em fragmentos, memórias escolhidas de momentos vividos e recolhidas a *posteriori*. Estamos na tradição romântica, tal como é definida por William Wordsworth no prefácio a *Lyrical Ballads* (1798): “Poetry is the spontaneous overflow of powerful feelings: it takes its origin from emotion recollected in tranquility.”

Podemos discutir a sinceridade de Wordsworth nesta sua definição mas, na verdade, é nela que se inscreve uma boa parte da poesia lírica ocidental, e eu diria mesmo que é ainda a tradição mais forte na poesia portuguesa, tendo sobrevivido a outras poéticas, particularmente à “poética da impessoalidade” da poesia modernista.

Nos poemas de Sofia Geirinhas encontro justamente isto: um “derrame” (“overflow”), um excesso de emoções que se deixa verter na escrita, sentimentos fortes que não se bastam a si próprios, que necessitam da escrita para, ao dizerem-se, verdadeiramente existirem. Como se não chegasse a vida-enquanto-experiência, como se a palavra escrita fosse necessária para tornar real a experiência.

Escritos na primeira pessoa, com o verbo conjugado na primeira pessoa e um “eu” explícito, não é, no entanto, da “vida em direto” que se trata; é sempre uma reconfiguração, um “fingimento (da dor) que deveras sente”, como tão bem formulou Fernando Pessoa. Não sabemos do referente vivido: quando os poemas são sobre “a perda”, por exemplo, só sabemos como se sente *uma* perda, que não sabemos qual é – nem queremos saber, porque a perda escrita tem de estar aberta à possibilidade de, ao lermos, nela projetarmos

a nossa própria perda, que não é a mesma, mas outra. Esta empatia é necessária à leitura do poema, um pacto escritora-leitora no qual se funda o impacto do poema.

O impacto estético reside ainda no recurso a alguns tropos clássicos da poesia no Ocidente. Podemos começar pelos poemas de amor. Em “O Enigmático”, encontramos interrogações sobre a (ir)realidade do amor, ou a incerteza do amor, a vontade de saber que convive com a impossibilidade de saber. Está aqui a oscilação entre a crença no amor e a possibilidade de o amor ser ilusão, uma figuração tão antiga quanto a literatura Ocidental: “Decerto no amanhecer / retratas um ser (que és tu) / que rompe na madrugada / e sem o conheceres / dizes que nasceu do nada. / É a flor que foi botão / o oceano que foi rio/ e eu na minha ilusão / julguei-te meu destino.” “Afrodite, tecedeira de enganos”, escreveu Safo no século VI AC, criando a convenção segundo a qual, tantos séculos depois, continuamos a dar forma ao amor-ilusão que autenticamente sentimos e escrevemos.

Talvez o tropo mais forte da convenção da literatura ocidental para falar de amor seja o sofrimento como medida do amor. Na verdade um deleite em sofrer por amor, tão presente na tradição portuguesa do fado, mas também uma herança grega e que encontramos no poema já referido da Sofia: “do meu pranto / nascem longas mágoas / somente no teu leito / me perco / me encontro e me deito.” O deleite no sofrimento por amor estrutura ainda o poema “cantigas d’amor”, uma evocação explícita da tradição literária portuguesa, que tem no lamento o tom adequado: “Sois choro/ sois de pranto / cantigas d’amor/ paixões dum recanto / adormecidas.”

A outra tradição, bem mais recente, pertencem os poemas de teor erótico, como “Do amor” ou “Será?”. Digo “recente”, porque, sendo embora também ela tão antiga quanto Safo, a representação do desejo sexual na voz feminina – o “corpo insurrecto”, como diria Luiza Neto Jorge – na poesia portuguesa de autoria feminina só se

faz realmente presente na 2ª metade do século XX, com Maria Teresa Horta, Natália Correia ou Luiza Neto Jorge. A consciência da diferença sexual – dito de outro modo, a consciência das experiências específicas das mulheres –, encontra-se ainda em poemas nos quais o “eu” é substituído por um coletivo que se celebra, como em “Elas na História”, “soltando gargalhadas /de vez em vez / soltas ainda gritos de glória /por eles abafados / na História.” Há aqui um sentido de sororidade num grito celebratório da voz que se solta. Esta celebração atinge um tom ainda mais festivo em “Mulheres”, poema que celebra a diversidade feminina para além do bem e do mal – tropo também ele recente – e a fúria de viver que também lhes / nos assiste: “venham de lá bruxedos / venham também as princesas /que a vida de uma só vez / traz de nós toda a verdade / sejam velhas ou meninas /as loucas não têm idade.”

A uma outra convenção pertencem os poemas dos lugares da memória, como no explícito “Estrela”, ou Coimbra evocada em “Suspeito”: “somente os poetas / que em mim / deixaram / janelas, portas abertas / pra nunca voltar / àquele dia / do último adeus...”

Que trouxe – ou que levou? – a Sofia de Coimbra? Suspeito que a vontade da escrita. Na saudade dos lugares – na própria ideia de saudade – temos de novo o deleite num sofrer doce, numa perda que é mais cicatriz do que ferida. O lugar onde talvez tenha sido feliz – no lugar da escrita? Afinal, só ficaram os poetas.

Esta (convencional) nostalgia pelo passado distante que se perdeu é de sentido contrário ao da perda imediata, material e corpórea, que vemos, por exemplo, no poema paradoxalmente intitulado “Encontro”: “foi sem vir chorar / a meu ombro / sem despedida”. Esta é uma ausência sentida no corpo: “enlaço-me em teus braços / procuro conforto /reconforto / não te encontro”. Talvez o “encontro” só seja possível pela escrita: a escrita funciona como tentativa de recuperação da perda inelutável.

A escrita presentifica a ausência e a tentativa de recuperação da experiência pela palavra – e que outra coisa fazem os/as poetas desde que há escrita? – pode ver-se ainda em “Ausência”: “Não há quem / se entrelinhe / em meus dedos /correndo/ define /a tinta/ em minhas mãos / quer por cantos / quer por veredas / fundem-se nelas /versos tolos em vão.”

Se a Sofia diz (também) a nossa vida, quando (supostamente) diz a sua vida, a leitora estranha ao confrontar-se com um poema intitulado “Adriana Pinto”, no qual a coda – “with a mother’s love” – remete para uma filha concreta, específica e única, nomeada e, portanto, a filha dela, e não outra. Por outro lado, este poema é uma bênção, logo, insere-se, também ele, numa tradição: “Que os anjos beijem teus cabelos / Que a lua embale teus sonhos / Que o amanhã te acorde de mansinho / Que o sol t’aqueça e não t’abandone.” Como à tradição pertencem a evocação da avó – “Minha vida” e “Sem medos” – ou o poema no qual se adivinha um gato, “Simba”, compondo-se assim um retrato familiar da poeta, entrando nós (supostamente) no seu espaço privado.

Mas será? Ou não serão mais privados, ainda que mais desvinculados do real, os poemas que falam das emoções que, sendo da Sofia, ao mundo se abrem? Como a perda sentida em “Ange”, cujo referente nos escapa, a materialidade da ausência de uma criança que se adivinha no “berço” e no “colo”: “para sempre terás / teu espaço, teu berço / teu quarto /e um colo para calar.” Esta não é uma saudade qualquer: é uma elegia, convenção que temos para falar das perdas fundas, que as palavras nunca conseguem dizer completamente.

Precisamos da vida para explicar o poema? Não necessariamente. Mas a relação entre a experiência e a palavra surge sempre na discussão, seja nas leituras simples seja no olhar crítico de quem faz do estudo da literatura a sua profissão. Ao escrever, com todo o gosto, o prefácio para o livro da Sofia Geirinhas, o meu olhar está

inevitavelmente informado pelo que faço por profissão – e que é também quem sou. Daí que eu veja aqui, muito mais do que a vida da Sofia, a problematização do próprio ato de escrita, a relação entre as palavras e as coisas, tão antiga quanto a própria escrita.

Trata-se de uma questão que atravessa todo este livro, desde o próprio título, que anuncia os poemas como “retalhos”, bocados incompletos, da vida, até a declaração da insuficiência da palavra perante o excesso da experiência: “Dei minha voz ao poeta / dei minha pena ao amor / Não venho aqui pra cantar/ cantigas de um trovador/ não me peças para amar/ em dias de muito ardor.” Se por um lado, no poema “Palavras”, “Andam velhas/ andam gastas/ as palavras/ usadas e abusadas”, da velhice e do cansaço das palavras emerge ainda a vontade de afirmação – “negam ser aprisionadas” -, como se fosse uma ressurreição.

A escrita é uma compulsão. Eu diria que a vida “autêntica” da Sofia – autêntico no contexto do fingimento Pessoaano – se encontra no poema “Pé descalço”: a partir de um lugar de simplicidade, a reivindicação de pertença à tribo de poetas: “Em vogais me deito / em palavras desmaio / em versos m’enlaço / poeta / poetisa/ de pé-descalço / em rimas respiro / em cantos imploro / em prosa m’inspiro / em poetas me demoro.”

E daqui envio uma bênção a este livro, e a todos os poemas que a Sofia ainda tem por escrever.

Coimbra, maio de 2017

Adriana Bebiano

Sumário

I Da Estrela ao Mondego

Queria abraçar a lua	19
Real Imortal	20
Sonhei	21
O bailar	22
Desdobrado pensamento	23
De amor	24
Odor	25
Névoa sombria	26
Sorrisos	27
Amor vagabundo	28
Coração fugitivo	29
O Inefável	30
Encontro	31
Alicui Ignottissimus	32
A Visita	33
O Enigmático	35
Suspeito	37
Cantigas d'amor	38
Estrela	39
No meu quarto	40
Ele	41
Foi sem medos	42
Minha Vida	43
Caminhada	44

II Versos

ExiladosEscritos	47
Se a alma souber calar	48
De bocas famintas	50

O vento	51
Mocidade	53
Palavras	55
Foi Deus	56
Seguem teus passos	57
Olhando o mar	58
Paixão	59
Simba	60
Loucas	61
O tempo	62
Mulheres	63
Confusão	64
Vendo as folhas cair	65
Amantes	66
Pé-descalço	67

III Desabafos Poéticos

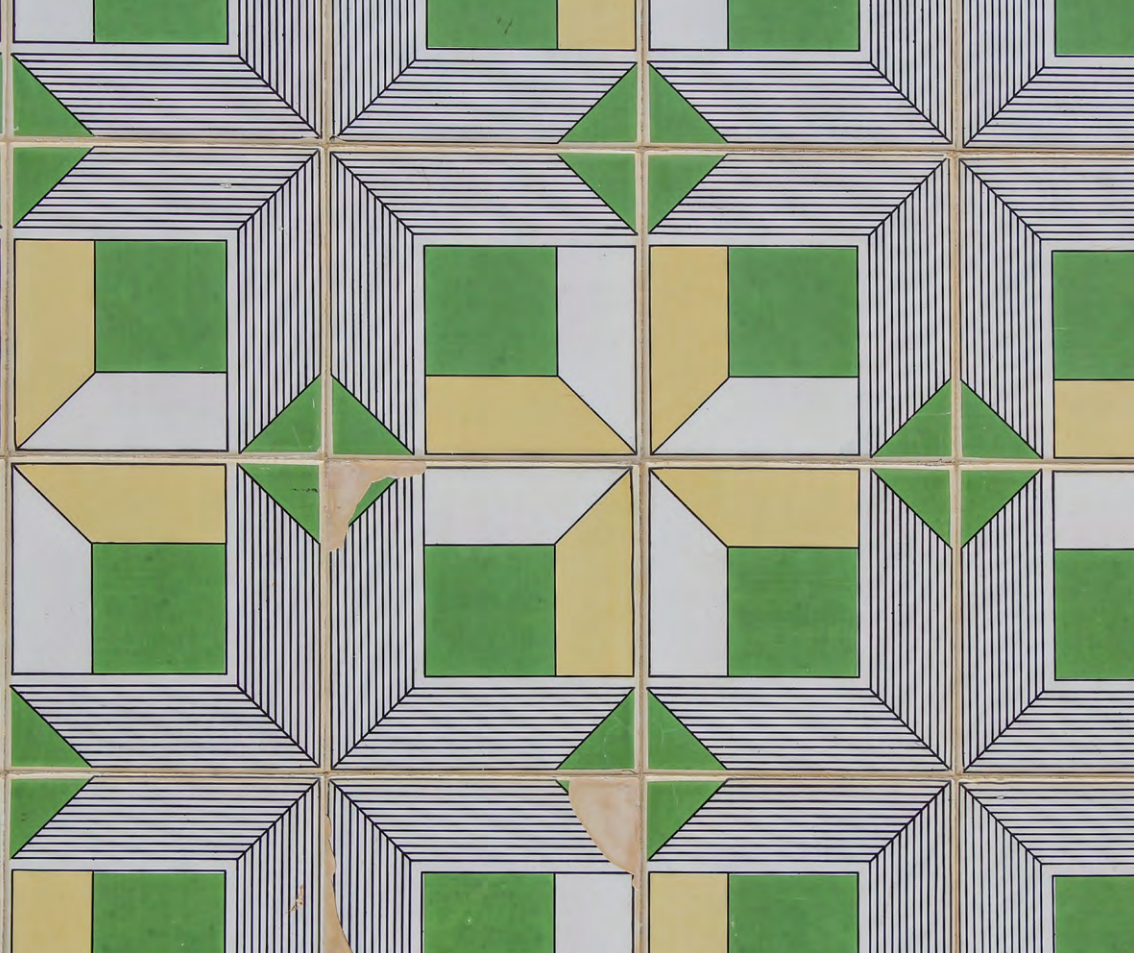
Em tempos de Sto Agostinho	71
Adriana Pinto	72
Mãos vazias de tudo	73
Dizem loucas	74
Ange	75
Ai vida	76
Abrindo as portas do coração	78
Elas na História	79
Será?	80
Vai menina	81
Ai se Deus soubesse	82
Papel escravo	83
Doidos andam	84
Amar	85
Baú de sonhos	86
Confissões	87
Foram breves as palavras	88
Destino	89
A cruz	90

IV Representações

Descem no rosto pétalas	93
Ao amor (de morte)	94
Adriana Pinto	95
Imagem	96
A Espera	97
Queria beijar a flor	98
Fala o menino baixinho	99
Renovações	100
Dizem os Deuses	101
Tinha a menina cantado	103
Ali sentado	104
Falei de vós	105
Vem moreno	106
Engenhoso	107
Ideias	108
Metáforas	109
O Diabo	110
O teu rosto	111
Por caminhos	112
A Fuga Perene	113

V Viagens

Quando cheguei a este mar	117
De um beijo	118
Se um dia	119
Outros caminhos	120
No quarto	121
Vem sem medo	122
Quantos?	123
Eu e o Outro	124
Se as almas sonhassem	125
Os teus cabelos	126
Perdida	127
Falei de ti	128
A Pergunta	129
A Infância	130
POSFÁCIO	131



Da Estrela ao Mondego

Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas



Queria abraçar a lua

Queria abraçar a lua
do fundo do meu quintal,
fazer com que o vento
levasse todo o mal.
Queria beijar o sol
do cimo do telhado,
cobrir o céu de estrelas
vindas de todo o lado.
Queria escrever um dia
versos e prosa de poeta
inundar o meu quarto
deixando a porta aberta.
Queria vestir minh'alma
de um belo fato preto
e dizer a toda a gente
que de escrever (eu) só prometo.

Real Imortal

Caminhando em mim
descobri
interno fulgor
m'inundou
de dor
desespero
tristeza
sofrimento
que, de momento
transporto
ao irreal
toda imagem
de um ser
transparente
mortal
luzente
de cor semelhante
ao ser
natural
para mim real
transcendente
em mim
para sempre
Imortal.

Sonhei

Sonhei
sonhando
te ter
acordei
acordando
algo senti, errante
fulminante
sentimento
em mim, acendeu
chama ardente
que afagaste
insistentemente
para nunca
voltar
ao sentir inicial
de luz cintilante
em peito carente
em peito meu.

O bailar

O bailar acende
fogo
ilumina alma
e pensamento
atormenta
enlouquece quem
ama
chama
ardente em si
em mim
presente
som distante
em ti, amor
para mim
dor
para ti
insignificante.

Desdobrado pensamento

Desdobrado pensamento
vagas ilusões
recorro ao sentimento
e, forte bater
de corações
distantes
apaixonados
de dor sofridos
algures amados
em moradia incerta
despidos
abandonados
em ti
amor derramo
por ti
amor elevo
tua imagem
sem minha
ser
eternamente tua.

De amor

Sentimento patente
obscura corrente
de mar
de corpo
que é meu
de pranto inundado
para ti
guardado.
Sinto fulgor
e, e teu corpo
abordar
nele derramar
suor e prazer
de forte desejo
levado
em meu ser.

Odor

Odor
sentindo
flor que
desabrocha
voar de uma
gaivota
saber
sabor
d'amarga cena
vida serena
de toque
tocada a ritmo
amainada.

Névoa sombria

Névoa sombria
toca a sineta
vem da urgia
dor desalenta
sobe o descido
e leve riacho
traz consigo
paz no ragaço
morte ao relento
vai devagar
devagarinho
seu caminhar
e, chegando
a seu manjar
fica sozinho
paz a seu lar.

Sorrisos

Sorrindo
mar em teu rosto
beleza d'olhar
suspiro
temo
em fervor
em teu pensamento
de momento
ao sonho renuncio
de teus
lábios ter
e, em meus soltar
teu sabor
odor
em corpo meu
manchar
voltar a ti
minha paixão
acende
reclama
por ti
minha
eterna chama.

Amor vagabundo

Arde em ti
em mim o desejo
suspiro e aterra
teu peito sublime
acende e afaga
teu olhar carente
em mim
transcendente
como raio de luar
esperança de voltar
derramar
em teu rosto
meu eterno prazer
de te ter e querer
contigo sonhar
em teu
meu leito perder
cedo encontrar
amor vagabundo.

Coração fugitivo

Silêncio
mistério
oculto
supremo
sentir de meu
ser em teu
temer
fugaz sensação
de te ter
em meu leito
envolver
coração manchado
de pranto
por ti derramado
desejo de viver
e, um dia
gritos soltar
alegrias
conquistas
de coração cerrado
em peito que é teu
para mim
por mim
eternamente amado.

O Inefável

Vagueando no teu mar
procuro a febre infinita
e, sem algo encontrar
procuro o teu retrato
disperso pelo meu olhar.
Oculto o meu sentimento
e por todo este momento
pereço na tua barca
como um raio veloz
que de vez em vez
se estende na margem
e sofrido do coração
se desprende
e deixando de ser
se acende e se afasta
de mim toda ilusão
atravessando minh'alma
com ar triunfante
de ser algo fulgente
que o abismo (me) cedeu.

Encontro

Num dia de nevoeiro
o sol brilha
a chuva atormenta o viver
carpe diem e presente
corrente dia de Dezembro
manhã infernal
repentina agitação
dorida apresentação
de qualquer hesitação
de um sonho arrastado
foi sem vir chorar
a meu ombro
sem despedida
ou fazer de meu pranto
derramar, por ti
enlaço-me em teus braços
procuro conforto
reconforto
não te encontro
serás tu minh'alma
imagem, visão?
Serás algo
apaixonante
que roubou
meu coração?
Que sei eu de ti
de mim
ou do que será
a paixão?
Talvez não mais
que uma ilusão.

Alicui Ignotissimus
(completamente desconhecido)

São teus cabelos ondas
teu odor a brisa do mar
o teu sorriso brilhando
transporta beleza ao olhar.
O calor do teu desejo
e a ânsia de me encontrar
são para mim
num fogo beijo
todo o meu naufrágio.
Atravesso-te hesitando
sobre as tuas longas margens
entrego todo meu ser
às forças da corrente
vagueando para sempre
na tua imagem
triunfante
e abandono confiante
o teu glorioso
símbolo possante
serás para sempre
imortal
no teu célebre oscilar
com teu plácido caminhar
farás todos os barcos
naufragar.

A Visita

Brilho dos meus olhos
motivo de meu viver
pra mim nos meus sonhos
o meu príncipe
homem belo
que não consigo esquecer.
Sinto algo entre nós
um desejo atroz
de quando te encontro
passando num ritmo
lento
veloz
sem ver teu olhar
teu forte desejo
de um dia m'encontrar
perdida em teus braços
unidos por um longo beijo
perco-me nos teus abraços
no brilho dos teus olhos
d'esmeraldas
belos
perfeitos
como nos contos de fadas
uma densa emoção
faz todo mal perder
pensando em teus

fogosos beijos
e, na força da tua paixão
imensidade dos teus desejos
que me afagam o coração
e na tua ausência
(amo-te mais que nunca)
perco a minha identidade
aumento a saudade
anseio pela visita
vejo-te na mocidade
passando
de lado a lado
como em vida infinita
somente me olhas
com se de nada se tratasse
sou uma simples boneca
que ao teu lado se senta
e não se pode comprar
sou um farrapo mimado
de vez em vez mal olhado
que não se cansa de amar
admiro-te no teu labor
para não me salientar
deixo-te descobrir
o amor.

O Enigmático

Diriges-te lentamente, solitário
ao cadafalso temido
és condenado por perjúrio
e exonerado do ofício
e a mim, onde me colocas?
Temo as tuas esmeraldas
onde me perco
e o bater do teu coração
de quando me avistas
ao longe, tentando
somente com teu olhar
apaixonar-me por esse teu ser
a que todos chamam Homem.
Temo a ilusão
como um precipício
temo a paixão
de uma vida inteira
como quem morre
e se julga vivo
olhas-me com indiferença
confundes-me o pensar
aliando o amor à beleza
e o mistério ao (teu) olhar
que me oculta
sentimentos teus
e de perto se me afigura
tua alma
teu pensamento
de algo que me atormenta

a luz que é tua
em meu peito se alimenta
de momento
alagas-me o coração
blasfemas sem medida
volves-te como um tufão
e dizes-te alma perdida
no teu plácido caminhar
atormentas por onde passas
sejam caminhos ou agras
tudo o que existe
estremece.

Será que em algo pensas?
Decerto no amanhecer
retratas um ser (que és tu)
que rompe na madrugada
e, sem o conheceres
dizes que nasceu do nada.
É a flor que foi botão
o oceano que foi rio
e eu na minha ilusão
julguei-te meu destino
vazio, ermo sem fim
do qual espreito
e que do meu pranto
nascem longas mágoas
somente no teu leito
me perco
me encontro
e me deito.

Suspeito

Suspeito
é o teu sorriso
de quando m'insultas
de quando m'invejas
de todos esses anos
vagueando
p'las ruas...
Ai Coimbra!
Que de saudades morria
se desdorado tivesse
eu, afinal
naquele dia
somente os poetas
que em mim
deixaram
janelas, portas abertas
pra nunca voltar
àquele dia
do último adeus...

Cantigas d'amor

Sois fado
sois madrugada
cantigas d'amor
tardes perdidas
amanhecidas.

Sois canção
sois lamentos
cantigas d'amor
outros tormentos
envelhecidas.

Sois choro
sois de pranto
cantigas d'amor
paixões dum recanto
adormecidas.

Estrela

Subi ao cume da Serra
montanhas
vales
minha terra
cidade onde nasci
parcos foram
os momentos
qu'outrora acenei
aos ventos
em teu peito
adormeci.

Entre ruas e ruelas
caminhei
entre as Estrelas
vagueei
meu nome nelas
sem naquela
demorar
pra guardar
só, em segredo
poemas versados
a medo
e, mais tarde
recordar.

No meu quarto

No meu quarto
vejo o mundo
sinto o mal
mais profundo
pairando no ar
ah! Vejo o sol
vejo o vento
pecado a todo
momento
e pensara
t'encontrar.

Não há quem
se entrelinhe
em meus dedos
correndo
define
a tinta
em minhas mãos
quer por cantos
quer por veredas
fundem-se nelas
versos tolos em vão.

Ele

Estrelas que beijam (o) céu
em busca de aconchego
leva contigo meus lábios
apartando-me do medo.

De noite furto meu luar
do dia as madrugadas
quem comigo quis falar
trouxera longas estradas.

Se por beijo implorava
na noite (fui) namoradeira
ficavam elas, demorava

fitando de longe o amor
não sendo eu a primeira
sofridos momentos de dor.

Foi sem medos

Foi sem medos
que deixei meu canto
sem remorsos
de viver em pranto
meditando
padecendo
chorando
só, ali naquele quarto
confiava meus sonhos
inspirando poetas
na noite de estrelas
e cometas
éramos nós
as vedetas
de bailes de luar
ai quem me dera
regressar
ao tempo de menina
onde naquele regaço
daquela mulher
nunca sem ti
solidão
ternuras de avó
em berço qu'embala
sua preciosa mão.

Minha Vida

Murmurava Deus
inda eu menina
naquele berço, imaculado
horas a fio dormindo
antes pela avó embalado
vidas de antigamente
indecisos os profetas
dando eles meu nome
acordaram-me os poetas.

Caminhada

Caminhámos a dois
nas sombras
daquela estrada
manchada
de pedra e sal
de lágrimas
(Oh Portugal!)
molhada
fraquejando
tombada
ergues-me
beijas-me
soltando lamentos
de esforço
quão tormento
ambos chegámos
no bom momento.



II

Versos Exilados

Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas

Escritos

Minhas penas
minhas dores guardadas
soltam gritos descendo
em meus dedos
presas em mãos delicadas
choram palavras
cantam feitos e degredos
ai de mim que não guardo
prantos, lembranças d'outrora
aqui, coitada escrevendo
aqui, sem dia, sem hora.

Se a alma souber calar

Se a alma souber calar
todas as bocas do passado,
se os mortos
beijando as flores
revisitarem seus sonhos,
se os amantes
aquecem vozes,
trémulas d'instantes
vagos no silêncio de cada passo
velado, amordaçado
vêm murmurando
amores d'outrora.

As palavras são como gotas de água que se transformam num rio: de lágrimas de felicidade porque de tristeza vivem os que não sabem amar:
Dei minha voz ao poeta
dei minha pena ao amor
vesti o fato de borboleta
cobri meu rosto de beija-flor.
De palavras fiz meu destino
de momentos minhas memórias
atordoados passos caminho
pra chegar àquelas glórias.
Não venho aqui pra cantar
cantigas de um trovador
não me peças para amar
em dias de muito ardor.
(Que) em vida temes o mar
(que) em terra vingas na guerra
de uma batalha t'encontrar
quem vive de saudades da terra.

De bocas famintas

De bocas famintas devoram
aldeias
as vozes alheias
de pão e de água
envolto
na aragem dos tristes
passeios
esperam na margem
por entre os ventos
dos olhares
fundos
de quem passa passando.

O vento

O vento falou comigo
palavras muito apressadas
oh vento fala baixinho
calmas e bem mesuradas.
Na fila do tempo
não há vento que não queira
trazer consigo
o momento
do tempo de namoradeira.
Na linha de toda
a vida
o momento principal
todo aquele que não queira
deixa de ser
(o) marginal.

Que as letras invadam todos os dias e versem como
quem dança nos ventos e vos beijem com o amor sin-
cero de quem vos transporta para sempre
Sem penas
nem prantos
escreve, minha
a mão
teimosamente
de velhas novas
de coisas passadas
nem mesmo, eu
jamais dona
de meu corpo
vontades suas
tem, terá
a quem deixei
eternas ternuras.

Mocidade

Verdes os anos
de menino
que por ti passaram
viajo por ti fazendo
de mim destino teu
que abracei
em teus ombros
lágrimas derramei
em teus beijos sinto
ainda hoje
aquela paixão
que nos preenche
a cada manhã
te olho e o meu
amor
invade nosso leito
afastando os males
da vida
traidora
vencida
amarga
a teu lado
abençoada.

Diz-me lá minha menina

Diz-me lá minha menina
quantos mares te inundaram
de tanto amor se mostraram
onde guardaste a heroína?

De loucas andam gastando
suas leves e parcas alegrias
quisera Deus saber dos dias
Quem estarás hoje namorando?

Aquela branda e cálida hora
das horas de eterno louvor
abençoados sejais pelo amor.

Dirá o moreno à Christina
te amarei para todo o sempre
e ela ao amado dirá, eternamente.

Palavras

Andam velhas
andam gastas do mundo
as palavras
usadas e abusadas
nas bocas
nas folhas
brancas e rasgadas
choram vírgulas
e pontos finais
exclamações e reticências
dos demais
que queimam
as vozes caladas
as vozes moídas
as vozes molhadas
as vozes sufocadas
caminham
aquelas que negam
ser aprisionadas.

Foi Deus

Foi Deus
que falou aos poetas
abriu corações
desvendou mistérios
criou aqueles
que nasceram
sabendo amar
sem da vida conhecer
d'amor se nutriram
pra quê falar?

Foi Deus
que falou aos poetas
inundou marés
encheu de vontades
fontes qu'inspiram
em olhos se espelham
duas metades
pra sempre invulgar
navegando em seu mar
pra quê falar?

Seguem teus passos

Seguem teus passos
as senhoras
andam vaidosas
desdenhosas
temidas
teimosas
da vida invejar
meu prazer
de ficar
sonhando em viagem
pra depois cair
em teu regaço
e poder repousar
naquele abraço
d'amor incondicional.

Olhando o mar

Olhando o mar
sorrindo
vi teus lábios
murmurando
vagas palavras
levadas p'las ondas
logo perdi
meus ameaçadores
beijos
cálidos
tentadores
momentos p'los tempos
enlaçados
em idades
de tenros pensamentos
nunca mais
olhei o mar
em ti perdida
naufragar.

Paixão

Bate o coração
longe do Estio
bate a lembrança
deixa o menino
na cama deitado
dorme, dorme
a criança a seu lado
de Deus abandonado
pelo homem
na descrença
em si, por si
sempre amado.

Simba

Na mão a certeza
no coração a dor
de quem não
conhece a traição
de quem dá amor
na paz da sua esteira
espreitando intrigado
os vizinhos passando
o povo é olhado
com certo cuidado
e muita admiração
contando os que vêm
e, perdendo os que vão
vieram por vê-lo
na tarde
sentado
dormindo
sonhando
em seu triste fado.

Loucas

As gentes são loucas
desnudam-se
por tostões
enchem copos de nada
e sonham ser alguém
burlões!
Numa vida apagada
vazia de qualquer essência
as gentes enganadas
suja
despojadas
de seus bons ideais
são tolos os demais!

O tempo

O tempo fuge-me
entre os dedos
como água
que corre pró mar
como os versos
que te escrevo
imensas vezes
por te amar
só, em mim
em meu peito
conheço a dor
de um olhar
um gesto
que pensei ser amor
e após tanto tempo
desconheço quem és
aprendo a ler-te
entre linhas
e ao invés
de tudo poder tocar
volto-me sem fim
revejo-me
sem cessar
nos braços de alguém
e, um dia soubera
transformar meu chorar
num longo sorriso
de ti eu preciso.

Mulheres

Se na alma tenho dito
que a inveja me aborrece
venham de lá bruxedos
venham também as princesas
que a vida de uma só vez
tráz de nós toda a verdade
sejam velhas ou meninas
as loucas não têm idade.
Se no corpo sinto as batidas
do tempo que passa em vão
terão elas sido sabidas
das mentiras ditas, ou não
com cervelas diminutas
vão e vêm sem tardar
sejam belas e bem putas
que o segredo vai guardar
nos caminhos já trilhados
em leitos de madrugada
saem tristes e chorosas
das verdades reveladas.

Confusão

Multidão
de palavras
que me assalta a razão
ordenadas
organizadas
soltam-se sem falsidades
sem marcas de malvadez
outra e outra vez
é meu fado em turbilhão
ignorando talvez
toda a liberdade
daquelas que ficaram
por dizer.

Vendo as folhas cair

Vendo as folhas cair
dos anos já passados
vendo os dias seguir
diante de meus olhos
esperando p'lo tempo
sem abraços
fogem as horas
imensas
daquele que nos separa
do amor de uma criança
que jamais me deixara
recordar bons
fugazes momentos

daqueles tenros anos
que não voltam mais.

Amantes

Em noites de clarões
de fogo qu'enfrenta
tempestades
cerram-se corações
talhados em metades
em noites de repasto
melhorado
requisiteado
trepam tolos
os demais
sugando imortais
em nada olvidados
sentidos choram
meus olhos
eternamente amados.

Pé-descalço

Em vogais me deito
em palavras desmaio
em versos m'enlaço
poeta
poetisa
de pé-descalço
em rimas respiro
em cantos imploro
em prosa m'inspiro
em poetas me demoro.





III

Desabafos Poéticos

Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas



Em tempos de Sto Agostinho

Em tempos de Sto Agostinho
de fêmeas ousou falar
não sejam elas hetairas
mas deusas noutra altar.
Que em velhas cloacas
brincavam de olhares
se escondiam e velhacas
outras delas se riam.
De Clotilde a Radegunda
ou de Castela a De Siena
enclausuradas na pena
ao amor de Deus Heloísa.
Viris soís senhoras
Irmãs ou de Abadessas
de mim não houvera falar
d'outros afazeres de nobreza.
Calem-se os anjos da moda
daqueles que sejam pecados
d'outrora agora olvidados.

Adriana Pinto

Que os anjos beijem teus cabelos
Que a lua embale teus sonhos
Que o amanhã te acorde de mansinho
Que o sol t'aqueça e não t'abandone.
(with mother's love)

Mãos vazias de tudo

Mãos vazias de tudo
Unem velhos os trapos
Levam ventos e chuvas
Homens de pedra, de nada
Esperança fugida d'asilo
Respostas prontas sem medos
Ziguezagueando furtivas
Ignorando-se senhoras
Nelas gravaram preceitos
Homens de pedra, de nada
Amores de espada ao peito.

Dizem loucas

Dizem loucas
as amigas
dos tolos saber falar
cantigas, cantar
e amar versando
na terra, no mar
tão simples ideias
lembrando e voltar
sem ti amiga
que de tudo foi
te ofereço
em vida
em folhas de Outono
que aquele amado
te inspire beijando.

Ange

Meus olhos não podem
mais chorar
de dor e de saudade
de quem estava pra chegar
e, nem a chegar ficou...
Lembrança de um dia
que foste
em mim e tudo se apagou
caindo de minhas entranhas
de um amor qu'apenas começou
em mim
em nós, para sempre terás
teu espaço, teu berço
teu quarto
e um colo para calar.
Aos céus de alguém
chegaste
e, logo partiste para
em meu peito adormecida
eternamente.

Ai vida

Ai vida
que de mim fizeste
a lua, o sol e o mar.
Ai de ti
que trouxeste em ti
o meu olhar
de ti espero por fim
o que não fui
fazer de toda a vida
minha
e tua detém
meu humilde saber
na noite
se esconde
teu e meu dom também.

Para que o amor conquiste as mentes mais desprendidas em breves tardes de Outono onde as folhas despem os corações mais resistentes existem os sorrisos que nascem no coração

Quem falou que
de poeta
ninguém poderia
duvidar
se a poesia é de quem
Sabe versar!
Brincando jogamos letras
na folha
mas sem querer
e são palavras que
nascem
somente para te
poderem ver!

Abrindo as portas do coração

Sabeis que quem escreve sem medos
tem coragem de ir contra as leis?
Fiéis aqueles que gostam
das “coisitas” que escrevo
pois são gente de bom gosto
e comigo entram em desalinho!
Transgridem campos cerrados
dos homens que fazem e julgam
a mim não me enganam eles
nem na cama nem na rua.
Do mesmo pão não comungo
quem ler e não gostar
pode outros caminhos levar
pois para mim só importa
quem em minha casa deixo entrar.
E, para não fugir nem descuidar
aqueles que de longe falam
venham pra cá reclamar
gostos ou “j’aimes” ou se calam.
Com esta confissão me despeço
Dos amigos comigo guardo,
fartas e boas lembranças
deixem-se de falsas crenças
fazendo todo o ano o bem
é somente o que vos peço
porque não somos ninguém!

Elas na História

Das lutas desesperadas
dos sonhos despedaçados
apertam-se sinais futuros
nas mãos de uma criança
escreve palavras soltas
ditas e mergulhadas
nas tintas da tua voz
soltando gargalhadas
de vez em vez
soltas ainda
gritos de glória
por eles abafados
na História.

Será?

Será amor
amordaçado
será loucura
loucamente
ou apenas ilusão?
Fonte de desejo
prazer
sentimento
lume aceso
a todo momento
te espero
te incito
beber meu corpo
embriagado
d'amor.

Vai menina

Vai menina
deixa tua pena
chorar
lágrimas de cor
bocejos de mar
vai menina
deixa o tempo
acontecer
molhados papéis
tinta ao mar
vai menina
deixa a lua
beijar
teu rosto acariciar
jamais desamar
vai menina
deixa o coração
gritar
versos soltos
para nunca olvidar.

Ai se Deus soubesse

Ai se Deus soubesse
o quanto chorei
as lágrimas que deitei
por não saber amar!

Ai se Deus quisesse
que meu destino fosse
dormir sempre a teu lado
sem precisar te amar!

Ai se Deus me ouvisse
lamentos desde as auroras
talvez meu rosto molhado
atenuasse as demoras!

Ai se Deus me falasse
por entre os espinhos nus
faziam-se santos pecadores
na sua, minha eterna cruz.

Papel escravo

Perguntaram-me
um dia –
a razão de minha tristeza
causada d'estórias contar
fazendo escravo o papel
lápiz meu amante
somente de olhar
que de relação antiga
entre risos e lágrimas
passados meus dedos
em páginas
em folhas e cordel
meus pecados confesso
sem que o amor que teço
me doa em gotas de fel.

Doidos andam

Doidos andam
os poetas
crêem nelas
bocas abertas
famintas
ai profetas
são desejos
de mal-amadas
de fortunas
desalmadas
fugitivas
aquelas
que ardem
em fogo
aos amores
de novo!

Amar

Amar é secar
lágrimas do teu rosto
fingir teu sofrimento
e dizer-te sempre
sem desgosto
o quanto te amo.

Amar é cerrar-te
em meus braços
brincando aos amassos
olvidando os pedaços
que deixámos pra trás
sem poder voltar.

Amar é beijar-te
a cada amanhecer
poder contigo deitar
e sempre meditar
num caminho a dois
e uma (filha) acrescentar.

Baú de sonhos

Daqueles versos que guardo
sem a ninguém revelar
são d'oiro minhas palavras
porque fala o meu calar
de todas as minhas penas
só trago em verso enganadas
palavras feitas em cordas
sem flores, sem nadas
e, queria eu ser um dia
poeta ilustre, talvez
satisfaz minh'alma
lê-me a todas as horas.

Confissões

Confesso à minha caneta
as mágoas da vida
confesso ao papel
as amarguras sentidas
confesso a Deus
todos os pecados
que um dia
levados
comigo finalmente
confesso a mim
actos e falas
que feriram alguém
sem voz d'acalmar
minha culpa de sempre
o poder de amar.

Foram breves as palavras

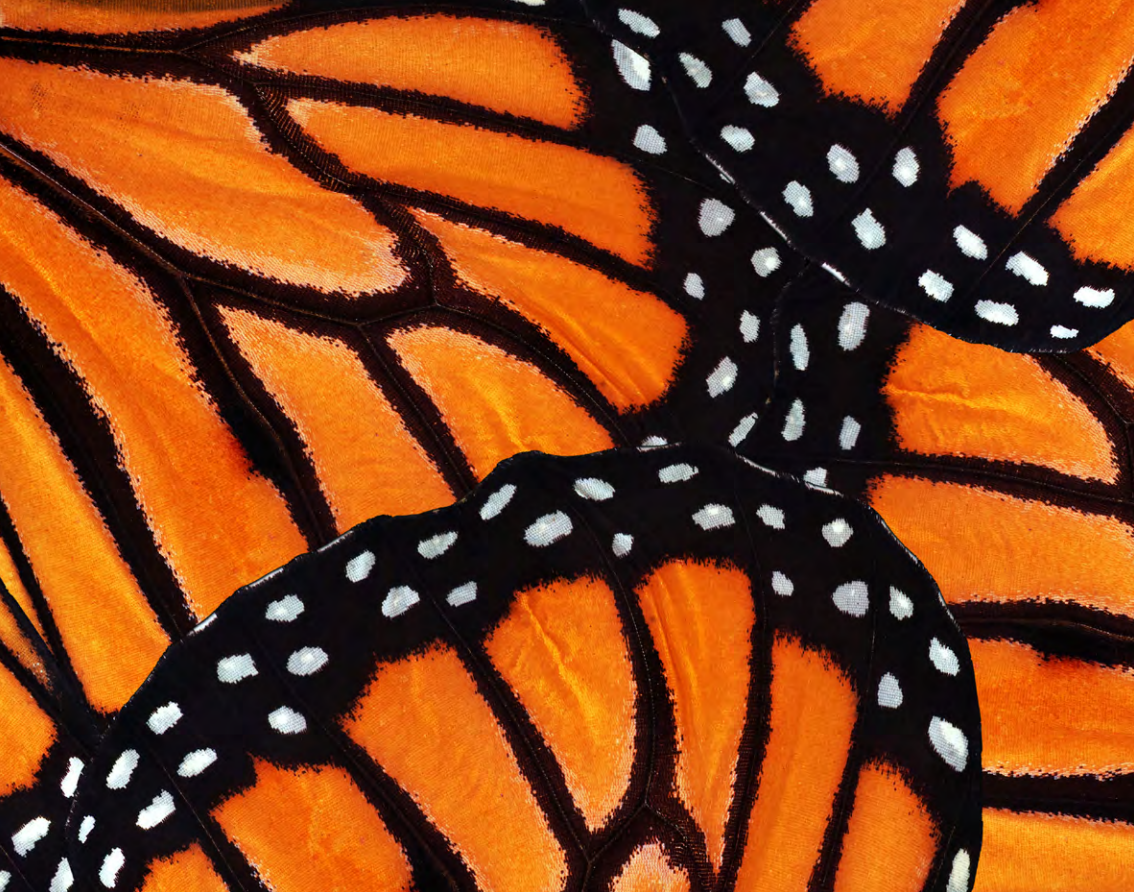
Foram breves as palavras
que Deus escreveu
em mim
foram breves os sonhos
que me transformaram
foram leves as pedras
que juntos transportámos
em vida perturbada
d'olhos postos no céu
esperando por ti
tardava o julgamento
saborando o fruto
em demónio transfigurado
ser da alma
dentro de todos abandonado.

Destino

De amarras
é feito meu destino
pra minhas lágrimas
em mar repousar
dentro de meu peito
ficar
semelhante
onde o coração
pertence a meus olhos
adormecer
e de sonhos voltar.

A cruz

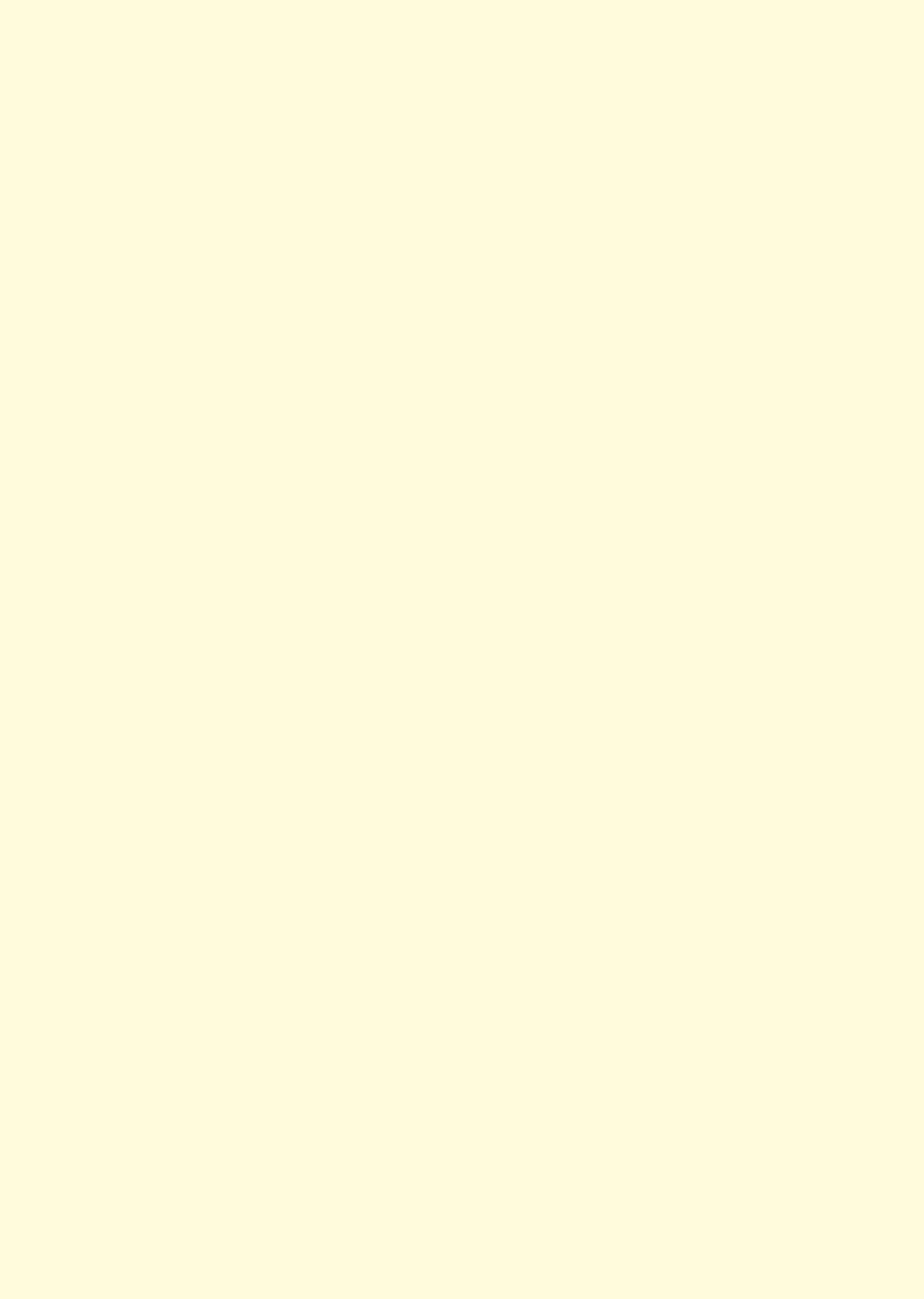
Entreguei minh'alma
a Deus
fiz da cruz
meu sacrificio
orando dia e noite
amando tal ofício
declino pecados
em tempos
contemplados
furtando olhares
sem d'outros pesares
destino meu
d'ausentes rapazes
que em tempos d'infância
partilhámos
todos os lugares.



IV

Representações

Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas



Descem no rosto pétalas

Descem no rosto pétalas, rosas
escondidas em trémulas sílabas
que se escapam de meus lábios
duvidosos de teus tenros beijos
sofredores de amor de escadaria
espreitando e vacilando em jeito
de menina, donzela de nobreza
parecia, aquela flor que se sentia
forte odor, douradas são elas
namoradeiras com eles à janela.

Ao amor (de morte)

Apartados de si, fogem
os amantes desmentidos
abandonados em corações
momentos jamais esquecidos
outros em doces prantos
rumores em teus caminhos
dizem, por aí perdidos
enquanto d'outros lembramos
minutos jamais esquecidos
ouvem-se flores chorando
ruas desertas de Estio
temem-se aquelas lembranças
em sapatinhos de menino.

Adriana Pinto

Vestida de cores
florida de Estio
canta melodias
que o vento despida
de pétalas voando
na sombra da manhã
cantando
cantando
desperta a menina
que de sonhos dormia
desnuda sua alma
cantava
cantava
d'infância d'outrora
de anos fadada
cantou
cantou
seus males passados.

Imagem

Na mesa o teu espelho
na cama o teu suor
no amor um só beijo
na mão sem (o) pudor.
Foi Deus quem me ensinou
a provar deste veneno
mordidas as Evas
do mundo
em dentadas
ingénuas
os males espalham
instigam-se as guerras.
Foi Deus que pecou
e por nós crucificado
chamar pelo homem
a seu triste pecado.

A Espera

Dou por mim aqui, sentado
neste vale tão profundo
vejo o rio,
vejo o escravo
sinto a voz que vem
do mundo.
Diz velho e bem feliz
o pequeno, murmurando
leve, leve
vai por mim passando
vai devagar o petiz.
Coisa de grande
o não faz
para um dia repartir;
sem amor
pobre rapaz
caminha só a sorrir.

Queria beijar a flor

Queria beijar a flor
que a Primavera oferece,
queria sentir amor
que em teu corpo floresce,
queria poder abraçar
quem a mim m'abraçou,
queria saber amar
quem nunca m'abandonou,
queria sentir um dia
que o vento me despertasse,
queria fugir da agonia
que a imagem cegasse,
queria fingir alegria
que o Inverno me calasse...
Mas o Inverno não calou
aquela alegria fingida
da vaga cega imagem
pelo vento despertou
a lenta cálida voragem
de quem longe amou
numa Primavera beijou.

Fala o menino baixinho

Fala o menino baixinho
ao colo de sua mãe
são palavras de muito mimo
carinhos bons quem os tem.
Anos outros vão passados
e ao colo o menino vem
para ter abraçados
aqueles beijos também.
Venham mais e outros tantos
sorrindo o menino está
de parabéns meu amigo e
com tudo o que de bom
este mundo nos dá!

Renovações

Brincámos jogos de poetas
Olhámos o céu infinito
Mergulhámos linhas na gaveta
Anunciámos algo já vivido
Nas penas do que não foi feito
Ousámos adiar outros planos
Nascemos todos os anos
Ouvimos apelos de distância
Vossos votos de esperança
Ouvidos serão em desenganos.

Dizem os Deuses

Dizem os Deuses
ter encontrado
uma doce e branca menina
por aí
seus olhos
queimavam de tanto
amor
em cabelos de oiro
finos se entrelaçavam
nas mãos
daquele moreno
transportando sua alma
de coração na boca
sem ninguém esperando
logo ficou louca
menina cabelos de oiro
namoradeira
da felicidade
bebeu de tanta sede
amor que afastou
solidão
transformou seu moreno
olhos negros
de fantasia

em seu maior desejo
de com ele se casar
um dia
Deus abençoe
marca suas vidas
menina de cabelos de ouro
felizes sejam
entre laços de ternura
o poeta e a poetisa
ela e ele
eternamente.

Tinha a menina cantado

Tinha a menina
cantado
loucuras de uma vida
noites brancas
o fado
à noite sem guarida
andando
ela a invejada
fina, esguia
bem parecida
riem outros
de sua sorte
e, cantam com ela
desafiando
odes, preces
sempre sonhando.

Ali sentado

Ali sentado
meio deitado
assim com as pernas estendidas
os braços curvados
apoiando a cabeça
e o ventre imaculado
sem marcas da vida
descendo as coxas perfeitas
arredondadas
que aquecem as minhas mãos
frias
deixam antever as linhas
direitas e suaves
de uma pele sedosa
imaculada
naquelas pernas
longas
despidas na noite
onde a luz fraquejava
como a sua força
e lá estava aquele corpo
tentando amanhecer
com o seu pénis
adormecido.

Falei de vós

Falei de vós
ó Deus!
Em trémula voz
comedida
ouvi distante
seu eco
murmurando seu nome
daquela menina
em cabelos d'ouro
nem Deus de vós
esquecera
seu nome
sua voz
seu rosto
seu olhar
sua beleza divina
de mulher serena
sábua
mas não morena
em paz ficareis
sussurando Deus
lá no seu reino
dizendo ao mundo
de longos anos
Christina tereis.

Vem moreno

Vem moreno
vem
deixar em mim
seu amor
cantar baixinho
essa melodia
que apazigua
as almas rebeldes
aquecer meu leito
beijar meu peito
vem moreno
vem
deixar em mim
sua paixão
tombar de mansinho
sua cabeça
em meus lábios
perdoa-nos Deus.

Engenhoso

Engenhoso
Deus fizera
aquela menina
loura
branca
franzina
de casta voz
encantou anjos
arcanjos
louvado seja
tão singela
que d'aproximar
ao vê-la
tamanha pequenez
acreditaram sê-la
obra de Deus.

Ideias

Num turbilhão de ideias
questiono as estrelas
balanço-me nelas
pra palavras versar
fiz de ti pensamento
sufocado sentimento
meu peito soltar
num simples beijo
na capela de sonhos
fugi de pensamentos
medonhos
pra poder te abraçar
e agora, recordo em silêncio
esta longa caminhada
rompendo em cada madrugada
num acordar de amor
esse teu beijo sentido
de um coração contido
de como quem beija uma flor
sou tua rosa sem espinhos
tua floresta encantada
tua mulher namorada
até que Deus diga que sim
sou teu anjo da guarda
nesta cama bem molhada
lágrimas de prazer em cetim
sou pra ti em todo o momento
quem acalma o vento
pra que venhas com alento
um dia mais poder me amar.

Metáforas

As pedras soltam risos
nas águas profundas
da vida
daquele menino
desprende-se o grito
de um suspiro
novamente
p'las ondas engolido
o sol beija o areal
de gente abandonada
ao sinal
do luar que espera
o chegar da noite
de mansinho
adormece
e sonha baixinho.

O Diabo

Caminha a meu lado
diante de vós
todos os santos
caminha
perto de nós
ao longe
na velha cidade
ouvem-se gritos
de mulher
calam-se bocas
famintas
de pudor
de fome imoral
trazer comigo
o Diabo
a menos
que o tempo
cale
o suor
o triste fado.

O teu rosto

Nas curvas do teu rosto
perco-me incessantemente
como se parasse
o tempo
a fome
a guerra
a mente
que o Homem
perverso detém
em si
seu alto poder
de mentir
finalmente
por simples
transcendente
de um riso inocente
capturado e fulgente.

Nas curvas do teu rosto
perco-me incessantemente.

Por caminhos

Por caminhos
por calçadas
traçámos nosso destino
sonhos
paixões
lembranças
algumas coisas
de menino
no calar
daquele abraço
perco-me em teu calor
fundo-me em teu corpo
declarando-te amor
que conquistei
naquele dia
na obscuridade
da minha vida
por vezes acompanhada
outras talvez perdida.

A Fuga Perene

Foge, foge criancinha
daquele ser
afasta teu corpo
longe de sua mão
que um dia
minha avó
de voz rouca
cansada
falando
estranhamente
se afasta
da tua estrada
caminha sem demora
a passo bem ritmado
ficando admirado
a pequena criatura
em seu canto deitado.





V

Viagens

Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas



Quando cheguei a este mar

Quando cheguei a este mar
ondas salgadas batiam
vozes calaram os ventos
d'outros olhares que temiam
novidades e frescura
dos anos pouco passados
outrora desmentidos
por outros simplesmente
negados d'algum aconchego
de belas, meigas palavras
proferidas com destino
de um olhar terno, perene
como se fora eternamente
Menino.

De um beijo

De um beijo
abro meus lábios
sem contar o que sinto;
de um olhar
fecho meus olhos
e, logo vejo o labirinto;
de um aconchego
abraço meu amigo sem te
ver a meu lado
todo o tempo e, saudade
de te querer
longas horas
que fogem entre os dedos,
todas do tempo mau
que todos sabem
e bem:
hoje é o momento.

Se um dia

Se um dia eu fosse uma flor
se um dia eu fosse uma pena,
se um dia eu fosse o amor
se um dia eu merecesse serena.
Se algum dia tivesse o olhar
se algum dia tivesse o beijo,
se algum dia pudesse t'amar
se algum dia voltasse (o) desejo.
Se hoje eu fosse a voz
se hoje eu pudesse calar,
se hoje eu fosse nós
se hoje eu voltasse atrás.

Outros caminhos

De pedras se faz
o caminho
de loucuras a vida
tem
aventuras de menino
nos braços de sua
mãe
que em tempos
deixou
a criança brincando
sorrindo foi
o menino
de mansinho
cantando.

No quarto

Entro no quarto
vejo aquela cama
vazia
ainda quente
dos beijos
do amor derramado
p'los amantes infiéis
aqueles que traíram
as leis de Deus
ali esquecidos
sonhando com o perdão
das flechas “cupidicas”
que alarmaram seus corpos
naquela noite
em que me deixaste
sozinha em prantos.

Vem sem medo

Vem sem medo
pecar sem fim
tecer o ninho
d'algodão e cetim
vem moreno
molhar tua boca
beber minh'água
salgada de mar
vem menino
tirar de mim
furtar meu calor
perder-te de amor
vem meu bem
ensaiar-te
sem olvidar
aqueles momentos
vem de mansinho
passados, ai os tempos
que jamais
poderei te abraçar.

Quantos?

Quantos olhos
por ti choraram?
Quantos sonhos
deixámos pra trás?
Quantos beijos
furtaste de mim?
Quantos anos
mais perderás?
Quantas lágrimas
em ti viajam
sonhando
atravessar-te
de todo possuir-te
para sempre
amar-te.

Eu e o Outro

Saio de mim
olhando através
de minh'alma
respiro o hálito
das flores
perfumes
odores
regresso sem vontade
de repartir
sonhando
em pedaços vivendo
padecendo
em teus braços.

Ai de mim!
Que nunca fui eu
quem sobreviveu
às tormentas
das paixões?

Ai de mim!
Que escrevo
em desabafo
as horas
de um abraço
qu'outrora perdi.

Naqueles tempos
fui feliz.

Se as almas sonhassem

Se as almas sonhassem
nas terras perdidas
se as sombras voltassem
depois da tormenta
se os cegos vissem
o vento da infância
deixada pra trás
nos braços
de uma criança.

Os teus cabelos

Toquei teus cabelos
na esperança
de voltar
a ver teus olhos
teu sorriso
o mar
prendi meus braços
sem saber quem sou
a ti, meu sonho
de vida
de amor
de quem sonhou
poder voltar a mim
teu coração arrastar
na terra d'alguém
no peito de ninguém
sozinha ficar.

Perdida

Perdi-me no pensamento
de uma menina mimada
num véu de renda e cetim
de branco e petrificada
meus sonhos
dormiam comigo
em segredo
ignorada.

Perdi-me no pensamento
de uma menina mimada.

Falei de ti

Falei de ti ao tempo
na esperança d'alcançar
e, em ti encontrar
o tempo que não
tem mais tempo
de a ti perguntar
se num pequeno tempo
haverá tempo de te amar
longe de todos os tempos
onde perdi meu olhar
perdoai-me oh tempo
que preendi nesse mar
nos ponteiros do tempo
deixarei vagas memórias
de fadas, princesas
outras histórias
que nem o tempo apagará.

A Pergunta

Perguntaram-me um dia
se menina iria ser
toda uma vida
inteira
se brincar queria
até anoitecer
dia após dia
horas sem lembrar
o tempo passando
lentamente
brincando serei
para sempre menina
que senhora, ser não sei.

A Infância

Tiveste em menina
cabelos ondulados
como se de ouro
tivesse Deus feito
teu sorriso rasgado
ofuscando os presentes
passando
largando tuas saias
dançando sobre o mar
perdido nas tuas ondas
sem nunca duvidar
que teus olhos choraram
ao ver-me passar
por ti
na Igreja
e a Deus pregar
que teus lábios
me deixasse
pra sempre beijar.

POSFÁCIO*

Vem agora a público o primeiro livro da Autora, uma colectânea de poemas intitulada *Retalhos de uma vida*.

A trilhar os primeiros passos na aventura da escrita, a Autora dedicou-se a temas já com grande tradição na Literatura (como é o caso das memórias de vida ou do amor nas suas várias vertentes), mas que aborda com uma sensibilidade e uma imaginação muito prometedoras, ao mesmo tempo que imprime às suas composições poéticas um ritmo que ilustra muito bem o que lhe vai na alma a cada momento.

Consegue ainda verter para o papel a introspecção do próprio ser e até encarnar o de outrem, descrevendo, assim, claramente sentimentos profundos e complexos. Chega, por vezes, a “despersonalizar-se” de ser Mulher (o “elas”, em *Elas na História*, por exemplo, ou na descrição presente em alguns poemas um pouco mais eróticos, como «Em teus lábios» ou «Dei por ti naquele baile», etc.), mas também a fundir-se num “nós” solidário, de quem deseja o bem alheio como deseja o próprio bem.

Por vezes fala de si como se fosse uma terceira pessoa, sobre quem tem omnisciência, tal como sucede no belo poema em que re-

* Por vontade expressa da signatária deste texto, o mesmo está escrito com as normas ortográficas portuguesas anteriores ao denominado “novo” Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

fere a sua ida para a Universidade de Coimbra, as tradições, a vivência coimbrã e a grande saudade que tem dessa época da sua vida: «Teria uns dezanove anos».

Nesta mais de centena e meia de poemas, entremeados com uma foto ou imagem a cada um deles associada, desfilam vários subtemas do Amor, tais como a paixão e entrega à pessoa amada num amor profundo e recíproco, o amor pela filha, mas também a saudade (da terra, da Coimbra onde estudou), a dor da perda (nomeadamente da Senhora a quem o livro é dedicado). Perfilam-se ainda a mulher, por vezes lutadora e vítima de sofrimento, a realidade e o efémero não apenas de alguns sentimentos mas da própria vida, da irreversibilidade do tempo (no amor e na existência), e até o amor e poder divinos.

Outro tipo de amor importante é a Amizade («Quem não tem amigos / vive na tristeza / de um jardim sem flores (...)»), a solidariedade, fidelidade e honestidade, o querer o bem dos outros e sentir o conforto e paz nesse sentimento - o “porto de abrigo” que a Autora procura, nomeadamente na escrita da sua poesia.

Também por isso – o que faz todo o sentido! – usa com frequência vocabulário associado a essa “escrita” que a conforta: “escrever”, “folha”, “lápiz”, “páginas”, “poetas” que a inspiram e a acordam, “versos”, etc., como se o acto de escrever, de passar para o papel os sentimentos e desabafos mais profundos («escrevo em desabafo», como refere em *Eu e o Outro*), fosse um bálsamo retemperador, como o é, aliás, para a grande maioria dos poetas, mundo a que pertence.

Recordemos o que diz no poema *Confissões*:

Confesso à minha caneta
as mágoas da vida
confesso ao papel
as amarguras sentidas...

No que respeita à sua estrutura, este livro é claramente dividido em duas partes (ou “Momentos”): **Retalhos de uma vida**, que dá o título à colectânea, e que se encontra, por sua vez subdividido em 5 partes, a saber: Da Estrela ao Mondego, Versos Exilados, Desabafos Poéticos, Representações e Viagens, e - de menores dimensões - **Complementaridades da Escrita**.

Essa divisão parece mostrar a ligação íntima e profunda entre a vida da Autora (a sua ida da região da Serra da Estrela para a Cidade do Mondego, onde fez a sua formação académica e onde, certamente, se veio a alicerçar o seu amor pela escrita) e o seu gosto/necessidade de escrever. Não é, portanto, à toa que o primeiro poema deste livro (*Queria abraçar a lua*) inclui, entre os desejos, «escrever um dia / versos e prosa de poeta» e a promessa de «escrever».

Há igualmente uma presença recorrente de Deus (a quem se roga, que protege, que perdoa, que julga, que quase é um confidente, e a quem se entrega a vida e a alma), mas ainda uma comunhão com a Natureza (o sol, o mar, as flores, a lua, as estrelas, etc.), que ainda que, por vezes, sombria («névoa sombria»), se apresenta normalmente como apaziguadora, tal como é o já referido acto de escrever.

Muito interessante é, igualmente, o lindo poema à Avó-Gena, a quem dedica esta colectânea e que a encerra, como se a paz, o porto seguro fosse, efectivamente, regressar à (quela) infância com que se iniciam estes *Retalhos de uma Vida*: «Se Deus me deixasse / Voltar àquela infância...».

No que respeita ao tipo de escrita, a Autora é bastante versátil, uma vez que varia o tipo de rima e verso, a dimensão do poema, desde a quadra (em Adriana Pinto, dedicado à filha) a poemas de uma página de extensão, como *A visita* ou *O Enigmático*, por exemplo. Tem ainda a faculdade de escrever não apenas em Português, mas ainda em Francês, com a mesma mestria e as mesmas características de estilo.

Encontramos poemas com título (essencialmente no Primeiro Momento) e sem título (fundamentalmente no Segundo Momento), a convidar-nos a descobrir a respectiva mensagem. São ainda característica do estilo da Poetisa o emprego frequente do tempo verbal de Pretérito mais-que-perfeito do indicativo ou do tratamento por Vós, normal na sua região de proveniência, e que aqui tem também um uso intencional de vocativo. Fico ainda muito satisfeita que, como a grande maioria dos Autores da nossa Literatura, não tenha aderido ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que tanto desvirtua e empobrece a Língua que é de todos nós.

Não são raras as metáforas e sinestésias bem conseguidas e o ritmo mais ou menos rápido, que sugerem um turbilhão de sentimentos. Ou, também, aliterações e escolha de sonoridade criadoras de constante movimento que nos transportam a uma poesia mais elaborada, bem longe dos «versos tolos em vão» que se mencionam no poema *No meu quarto*.

Escritos, como modestamente a Autora afirma nos Agradecimentos, «sem pretensões de maior *calibre*», estes (intensos) poemas prestam-se a livre interpretação por parte de cada leitor e são de agradável leitura, pelo que espero, também eu, que este livro seja o primeiro de muitos.

Figueira da Foz, Agosto de 2017

M. Carmen de Frias e Gouveia



Covilhanense nascida no dia 10 de Março de 1973, a poetisa Carla Sofia Pereira Pinto Geirinhas, dita “de pé-descalço”, aos 19 anos deixa a sua cidade natal após ter ingressado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nesta conclui uma licenciatura em Estudos Portugueses e o primeiro ano de Mestrado em Literatura Portuguesa – investigação e ensino. Por ironia da história, conhece o seu exílio em França no ano de 2011, sem nunca ter saído

do seu país, onde frequenta o segundo ano de Mestrado, na Universidade de Auvergne em Clermont-Ferrand que conclui em 2017.

Ainda jovem, começa a escrever poesia por volta dos seus 15 anos após se ter apaixonado por Fernando Pessoa, o poeta do Modernismo português. Recentemente, vê os seus poemas serem publicados no jornal online “O Ponney” e tem o primeiro livro preparado desde 2017 intitulado “Retalhos de uma vida”.

No ano lectivo de 2020/2021 lecciona a língua portuguesa em França, em dois colégios públicos e numa associação de línguas vivas, e continua a produzir poemas inéditos e textos em prosa que partilha com os seus leitores e amigos na sua página “A poetisa de pé-descalço” que possui na rede social Facebook.

Em 2019 começou a colaborar nas colectâneas poéticas das edições *O Declamador* e participou nas colectâneas “Delírios de Outono”, “Delírios de Inverno”, “Flor de Natal”, “Delírios de Primavera”, “PanDemia Das Palavras”, “Poem’Art”, “Universo Poético”, entre outras, com a coordenação literária de Jorge Manuel Ramos e de Maria Abrantes Bernardino. Também participou recentemente na Colectânea de Autores Latinos no Mundo intitulada “Alma Latina”, com a coordenação literária de José Maria Ramada. No ano lectivo de 2021/2022 acumulou às suas funções o ensino do Português no Liceu Ambroise Brugière em Clermont-Ferrand e, ainda em 2022, iniciou o ensino do FLE (Francês língua estrangeira) em colaboração com vários centros de formação sediados em França, entre os quais *Les Ailes de la Réussite*, que tem por objectivo apoiar todos os alunos com dificuldades específicas (dislexia, problemas de atenção, disgrafia, entre outras) na aprendizagem durante o percurso escolar.

Actualmente, lecciona o FLE, o Espanhol e o Português no Centro Penitenciário de Riom desde o dia 20 de Fevereiro de 2023. Uma nova aventura onde a sua paixão pelo ensino e pelo ser humano se unem em perfeita harmonia altruísta da escritora/pessoa.

Nota: A autora não respeita o AO (90) na sua escrita quer seja em poesia quer seja em prosa.